EM TEMPO: COVID- 19

Tempo de quarentena, tempo de analisar tudo que vimos, lemos e ouvimos acerca do Vírus Covid- 19.

Primeiro o que esse vírus provocava no organismo humano. Sim, os primeiros pacientes demonstravam comprometimento das vias respiratórias, antecidos por mal-estar, febre, tosse seca, coriza e depois dispneia crescente, quando os pulmões estariam completamente comprometidos, bilateralmente, requerendo respiradores para melhora das condições do paciente. Atualmente se fala em 3 estágios de desenvolvimento da doença: estágio 1 onde a pessoa foi infectada e ocorre a replicação viral, porém sem sintomatologia significativa. Estágio 2A o sujeito passa a ter uma fase replicativa e início do processo inflamatório, com os primeiros sintomas, porém sem dispnéia; o estágio 2 B com o quadro inflamatório estabelecido e com dispnéia em curso e o estágio 3 quando o paciente apresenta significativo quadro de dispnéia requerendo intubação e respiração artificial.

A transmissão pelo ar e objetos foi identificada.

Os preciosos infectologistas e pesquisadores do mundo todo avaliaram cuidadosamente os resultados das tomografias computadorizadas, juntamente com a etiopatogenia do vírus que abalou o mundo e as nações. A inflamação pulmonar na realidade, produzia um quadro severo de tromboembolia pulmonar que levava ao óbito.

Depois veio a questão da medicação: preventiva ou curativa? Hidroxicloroquina foi apontada como o medicamento promissor. Depois associação com a Azitromicina. Bons resultados em muitos casos. Muita gente foi

salva por esses medicamentos. Depois a in descoberta que o maior problema era de natureza sanguínea e a trombose poderia e deveria ser prevenida e combatida com anticoagulante. Hoje já se estabelece um protocolo para atendimentos dos pacientes nas diferentes fases e inclui: hidroxicloroquina, azitromicina, corticosteróides e anticoagulante.

Vacina, estudiosos e pesquisadores procuram a saída.

Mas algo veio à tona e para permanecer: as questões de biossegurança para os profissionais de saúde e o cirurgião-dentista era o mais propenso a ser contaminado. Sim, proximidade do paciente, saliva, ar, spray, sangue.... Necessidade de cuidados foram mais e mais incorporados no dia-a-dia do cirurgião-dentista. A intensificação do uso do álcool gel para higienização das mãos e objetos, a desinfecção com o álcool 70°, a paramentação com protetores faciais e material descartável. A higienização dos sapatos antes e após entrada de pessoas no consultório, diminuição de atendimentos (sem acompanhantes), espaçamento das atividades, por hora em caráter emergencial. Tudo isso veio para marcar um tempo definido, mas também trouxe conscientização da necessidade de se proteger, ao paciente e aos auxiliares nos consultórios odontológicos.

As facetas foram as mais variadas e, ao redor do mundo estabeleceu-se a quarentena para prevenir o contágio da doença, terrível que matava pessoas de todas as nações. Muitas lives, muitas palestras, cursos on line com a finalidade de informar e produzir conhecimento nas diversas áreas, como uma forma de continuar crescendo e aprendendo.

O período está prestes a finalizar e a pergunta que se faz é: como retornaremos nós depois dessa pandemia, depois da quarentena? Há que se ponderar que mesmo em meio às maiores dificuldades, mesmo em meio ao pânico disseminado e fatores sociais, familiares, políticos, podemos e

devemos aprender e caminhar com segurança e legitimidade no tratamento de nossos pacientes, respeitando os limites pessoais e interpessoais, a cultura, o bom senso e levar adiante um atendimento odontológico cada vez mais cuidadoso e seguro.

Nancy Alfieri Nunes